

BARRICADA ESTUDANTIL Nº3 – Maio, 2017 – CONSTRUIR UM M.E. COMBATIVO: Combater a tutela e politizar as bases!

[aderecc](#) / [17 de maio de 2017](#) / [17 de maio de 2017](#) / [Barricada Estudantil](#)



“Frente às burocracias sindicais e seus defensores no meio estudantil (a burocracia estudantil), urge a necessidade de retomada dos métodos de lutas históricas da classe trabalhadora somados aos métodos de luta difundidos pelas jornadas de junho: Fundos de Greves, Assembleias Unificadas, Comandos de Greve eleitos pela base, Greves de Solidariedade, Ocupações, manifestações de massa, sabotagens, Autodefesa Black Block, ampla difusão das mobilizações via mídias alternativas, etc.”

(Comunicado 1º de Maio/2017 – RECC)



ESTUDANTES, BEM VINDOS A LUTA!

A INGRESSADA COMO PARTE VITAL PARA A MOBILIZAÇÃO ESTUDANTIL COMBATIVA

A luta estudantil organizada e radicalizada da greve de 2013 trouxe a conquista da implementação das cotas na UNESP, posteriormente a contradição da falta de permanência estudantil se intensificou devido à entrada dos estudantes pobres na universidade e, em contraposição, a completa inexistência da adequação proporcional dessas medidas. Com o argumento da crise, desde 2014 foi congelada a contratação de funcionários e docentes efetivos, ao mesmo tempo em que diversos cursos de engenharia, os quais têm potencial para investimento da iniciativa privada, foram abertos no Estado pela Unesp. O governo Alckimin (PSDB) e o governo federal criam o mito da falência dos órgãos estatais, tanto a previdência social quanto as universidades públicas, para subsidiar a recuperação das elites criando condições para a ampla terceirização.

A única forma que os estudantes têm para reagir a tal cenário é a mobilização, dessa forma, todas as ações do movimento estudantil devem ser pensadas a partir de táticas para a politização do conjunto de estudantes para criar condições de vitórias. A ingressada é parte fundante do processo de politização dos estudantes e, por isso, não deve ser pensada meramente com o fim de receber os novos estudantes, mas sim, pensar seu cronograma de debates e atividades de tal forma que apresente a situação da universidade e da sociedade rumando para uma mobilização forte, capaz de fazer com que o movimento estudantil seja capaz de conquistar suas pautas.

■ **CONSTRUÇÃO DA INGRESSADA 2017: O MITO DE UMA “INGRESSADA GERAL”**

A ingressada de 2016 foi praticamente inexistente e, mesmo assim, o movimento estudantil se negou a realizar um balanço da mesma, o que acarretou na reprodução de equívocos similares na construção das atividades da ingressada do ano de 2017. O principal problema historicamente identificado não só na ingressada, mas na maioria das atividades promovidas pelo movimento estudantil é a adesão de estudantes oriundos dos cursos de filosofia e ciências sociais somente. Portanto uma segregação entre o conjunto estudantil, fato que compromete a mobilização.

A forma com que foram construídas as plenárias de elaboração do cronograma de atividades da ingressada compactuou com a segregação de estudantes de outros cursos, que não sejam ciências sociais e filosofia, sendo convocadas previamente aos debates e proposições que poderiam surgir das demais bases. Não havia nenhum debate que remetesse aos cursos da saúde, por exemplo, no cronograma final.

A proposta da Ação Direta Estudantil/RECC foi de que o cronograma de atividades privilegiasse, em uma questão temporal, os debates específicos de todos os cursos, para que em seguida, culminasse em debates gerais com a possibilidade da adesão maior entre os cursos, ou seja, com maior possibilidade de tais estudantes estarem presentes em outros debates, tanto debates setoriais quanto os debates gerais. Já que durante muitos anos a tática de se realizar somente debates gerais na ingressada não conseguiu cumprir o papel de unificação do corpo estudantil para a luta, portanto a realização de debates específicos referentes aos cursos poderia sanar este problema.

Para a concretização de qualquer atividade que o movimento estudantil tem a necessidade de realizar, ocorre a disputa entre qual tática (forma como irá se realizar tal ação) será utilizada. Tal disputa entre linhas políticas, por vezes, se evidencia em ataques à linha contrária. Durante as reuniões de construção da Ingressada, a ordem das atividades foi um dos pontos de embate.

A data da “segunda semana” de atividades da ingressada era disputada pela nossa proposta, citada acima, e pela proposta da construção da “Negressada”- ciclo de debates referentes à questão étnico-racial-. Fato que culminou em ataques oportunistas à Ação Direta Estudantil, diziam estarmos negligenciando tais debates, quando o que ocorreu foi na verdade, divergência de táticas para a construção do cronograma.

Como explicitado acima, vivemos em uma conjuntura na qual diversos ataques estão sendo desferidos contra nós, retirando diversas conquistas da classe trabalhadora. Toda e qualquer ação do movimento estudantil deve ser executada com o intuito da consolidação de uma mobilização forte, capaz de fazer com que os estudantes pobres se mantenham na universidade, considerando os problemas já identificados em nossas ações. Pensar um cronograma que tenha uma proposta de como fortalecer a mobilização é, principalmente, privilegiar os interesses dos estudantes pobres que entram na universidade, que em sua maioria são negros e negras. Para além de promover debates com o cunho étnico-racial, que são importantes, pensar em táticas para mobilização é pensar a permanência desses estudantes na universidade.

▪ SETORIALIZAÇÃO DOS DEBATES = SEGREGAÇÃO DO CONJUNTO ESTUDANTIL

Apesar de todas as suas problemáticas, conseguimos dar um salto no que se refere à Ingressada de 2016. Tivemos alguns debates com um grande número de pessoas e conseguimos reverberar as formações da ingressada em ações práticas, tal como o ato na direção que reivindicava principalmente mais contratações de assistentes sociais e a paralisação estudantil contra a entrada da Polícia Militar no campus. Mesmo com esse relativo avanço é necessário pontuarmos equívocos acontecidos durante esses processos, a fim de conseguirmos superá-los para fortalecer e ampliar a mobilização que se inicia no ano de 2017.

O cronograma de atividades da ingressada continha debates referentes à conjuntura nacional e da universidade e os debates setoriais (ditas “minorias”). Essa forma de divisão sempre ocorre, inclusive com o argumento de que os debates referentes a opressões são sempre negligenciados pelo movimento estudantil e, por isso, deveriam ter espaços exclusivos de discussão. A realidade se mostra distinta. Hoje os debates setoriais se mostram como o maior catalisador de pessoas e, para além disso, é necessário que as questões sobre opressão sejam tratadas em conjunto com todas as problemáticas em voga. Por exemplo: um debate que discute conjuntura nacional apresentar como a lei de terceirização ou a reforma da previdência prejudica principalmente as mulheres e a população negra.

A questão das opressões não é dissociada da totalidade da sociedade, e a manutenção dessa divisão na forma como tratamos essa questão perpetua e privilegia a visão de que a luta das mulheres, dos negros e negras e LGBT'S pode estar dissociada da luta do povo.

O incômodo com o papel das organizações políticas nas atividades do movimento estudantil é algo costumeiro. A origem disso está ligada ao papel nefasto que variadas organizações cumpriram na história das mobilizações estudantis, utilizando a luta do corpo estudantil para palanque eleitoral, o exemplo mais cabal disso é o papel da UNE atualmente. Essa postura cria um rechaço dos estudantes à bandeiras de organizações políticas no seio do movimento.. Há a distinção entre as organizações políticas oportunistas e as que se colocam para fazer o movimento se fortalecer.

Na ingressada de 2017 foi possível identificar duas questões oriundas desse fato: a crítica de militantes autonomistas, crítica essa que não foi feita nos espaços do movimento estudantil, à presença das organizações políticas na maioria dos debates e pelo fato das mesmas colocarem sua perspectiva e apresentarem suas saídas para tais problemáticas, isso foi por diversas vezes caracterizado como oportunista, pois as organizações estariam se aproveitando de um espaço do M.E pra se autopromover.

As organizações políticas existem com o intuito de pensar a tática que acha mais adequada para fortalecer as mobilizações e aplica-la em grupo. Quando um indivíduo que faz parte de uma organização se coloca em um debate e não apresenta que sua visão é oriunda de uma linha teórica e tática coletiva, isso sim se configura enquanto oportunismo. Se colocar como se suas ações fossem descoladas de uma linha articulada coletivamente.

Colocar esse argumento de forma essencialista, contribui para a criminalização das organizações. Fato que foi reproduzido inclusive a partir de uma organização do M.E da FFC (Pró Resistência Popular).

É necessário que as críticas, direcionadas às organizações políticas ou não, sejam feitas de forma frontal e sincera, com o intuito de avanço do movimento, e utilizando-se dos espaços de articulação política, não em mesas de bar e corredores da universidade.

Somente dessa forma é possível compreender o que as críticas apontam como danoso para o movimento estudantil para que possamos superar.

Portanto para que possamos avançar a mobilização é necessário um balanço coletivo de todos esses processos para que possamos dar os próximos passos cientes dos equívocos passados afim de não os reproduzirmos, e a compreensão de que esses foram somente os primeiros passos de um movimento que deve ser constante e cada vez buscar sua maior independência, combatividade e amplitude para o conjunto dos estudantes. Nosso desafio hoje é articular as problemáticas de todas as bases distintas da universidade em um golpe só à direção, à reitoria e ao governo do Estado.

POR UMA MOBILIZAÇÃO QUE CONGREGUE TODAS AS BASES!

POR UM MOVIMENTO ESTUDANTIL CLASSISTA, COMBATIVO E INDEPENDENTE!

FORTALECER AS BASES E ESMAGAR A BUROCRACIA ESTUDANTIL!

JORNADAS DE LUTAS POR PERMANÊNCIA: DEIXAR A DEFENSIVA, CONSTRUIR LUTAS COMBATIVAS, DIRETAS E PELAS BASES!

As lutas por Permanência Estudantil carregam, historicamente, não só na UNESP, mas sim em todo movimento estudantil, um papel pivotal na organização das bases estudantis. Papel esse que, com a conquista de 50% de cotas sociais para as universidades, só se expande com o tempo. O aumento da entrada de estudantes pobres na universidade, aliado à ausência de expansão das políticas de permanência, tornou patente a debilidade e a insuficiência das políticas de permanência oferecidas pelas instituições universitárias ao longo do Brasil. Cada vez mais os estudantes ingressam nas universidades públicas e percebem o total desamparo ao qual estão relegados: a ausência de Restaurantes Universitários adequados às demandas locais, insuficiência ou ausência completa de Morádias Estudantis, o número reduzido de bolsas e auxílios sócio-econômicos, a não-existência de creches universitárias e apoio psicológico aos estudantes são alguns dos problemas com os quais os estudantes trabalhadores são obrigados a se defrontar ao entrar nas universidades públicas.

Em outras palavras, o estado burguês aumenta a entrada de estudantes pobres na universidade, mas não faz nada para garantir que esses tenham como permanecer nela. Estudantes, esses, que procuram garantir seu direito de permanência na universidade através das lutas organizadas. Na FFC, o histórico de luta por permanência se revolve a meados da década de 1970, com as lutas pela construção da Moradia Estudantil e reivindicações pelo estabelecimento de um Restaurante universitário, a primeira conquistada na década seguinte, a segunda somente em 2007.

A necessidade das lutas por Permanência dos estudantes na universidade é clara e latente, faz-se ainda mais material após 2012, com a aprovação da Lei das Cotas. Com o aumento da entrada de estudantes pobres na universidade, as lutas por Permanência atingiram um ápice histórico para o Movimento Estudantil da FFC e da UNESP em geral, impulsionadas pelo balanço político das Jornadas de Junho de 2013, com a conquista local, junto à direção e à reitoria, com a expansão e a não-terceirização do Restaurante Universitário e a garantia de adoção da Lei de Cotas pela UNESP.

Tais vitórias foram conquistadas através da criação de uma luta ofensiva por Permanência na Universidade. Entretanto, o momento de refluxo enfrentado pelo Movimento Estudantil desde 2014, causado devido a forte repressão aos movimentos de 2013, aliado a uma dupla-crise de direção e organização do Movimento Estudantil, alteraram o caráter das lutas históricas do movimento, resultando em outro modo de atuação que vem se provando, constantemente, inefetivo, desorganizador e comprometedor para os estudantes.

O supracitado refluxo no Movimento levou os estudantes a uma postura passiva em suas lutas, colocando o estado de suas reivindicações em uma condição defensiva, ou seja, levando os estudantes a se movimentar pelas pautas de permanência somente quando os ataques a essas se põe no horizonte, talvez a única exceção a ser encontrada nesse caráter defensivo seja o 4º movimento de ocupação por moradia, protagonizado por estudantes recentemente no campus da FFC. Exemplos cabais dessa postura podem ser encontrados na Greve/Ocupação de 2016 e no movimento de lutas contra o aumento do Restaurante Universitário no início de 2017, em ambas as situações, os estudantes, de frente aos ataques materiais da direção e do estado burguês às políticas de permanência, organizam-se de maneira rápida em lutas defensivas para garantir a não-retirada desses direitos, vitórias históricas para a estudantada.

O caráter defensivo das lutas estudantis coloca-se como extremamente nocivo às nossas contendas pela própria permanência. As lutas defensivas, por serem organizadas conjecturalmente, não permitem a tão necessária politização plena das bases em torno dessas demandas, não permitem a discussão e compreensão plena dos efeitos dos ataques realizados aos estudantes, atrapalhando a organização efetiva de lutas contundentes e bem articuladas, criando, em geral, um descolamento da própria luta por permanência – protagonizada por uma vanguarda estudantil – das bases dos estudantes em geral. Devido ao caráter conjectural e desorganizado das lutas defensivas, não se torna possível ao Movimento Estudantil garantir a plena vitória de suas reivindicações, demonstrado pelo rebaixamento da pauta de reivindicações da greve de 2016 e pela vitória parcial na luta pelo não-aumento do Restaurante Universitário em 2017.

As lutas defensivas levam, historicamente, a vitórias parciais ou até mesmo derrotas para o Movimento Estudantil, não apresentam nem mesmo o caráter de conseguir garantir a efetivação das vitórias passadas – expansão do Restaurante Universitário, por exemplo – além disso, devido a sua estruturação e organização deficitárias acabam constantemente por expor parte de nossa estudantada à repressão por parte da direção e da reitoria.

A ausência de bolsas e auxílios sócio-econômicos para estudantes, a insuficiência de refeições servidas pelo Restaurante Universitário, a não-abertura do mesmo às noites, a falta de vagas na moradia estudantil e sua precariedade estrutural, a ausência de vagas para filhos de estudantes no CCI, não existência de atendimento psicológico para estudantes, entre tantas outras são algumas das demandas e necessidades que acometem a estudantada na FFC atualmente. Necessidades essas que tornam-se cada vez mais patentes e, a cada ano maiores, e que, porém, a luta estudantil defensiva, burocrática e institucionalizada – como exemplo, direcionar a luta estudantil exclusivamente para a disputa burocrática em órgãos colegiados, como a congregação – tem falhado cabalmente em encontrar as saídas.

Portanto, para superar o refluxo presente no Movimento e o caráter defensivo das lutas por permanência, a saída torna-se clara para o Movimento Estudantil: a construção de lutas ofensivas na universidade. Para efetivar tal construção a Ação Direta Estudantil propõe a criação de Jornadas de Lutas por Permanência Estudantil, tais jornadas constituem-se na criação de espaços para privilegiar o desenvolvimento constante dos debates sobre Permanência na Universidade. A criação de comitês perenes de luta por permanência em todos seus âmbitos possibilita a existência de espaços adequados para a realização desses debates, de extrema complexidade e que, claramente, não encontram efetividade nos espaços assembleários da FFC.

Somente com a inserção das discussões sobre Permanência Estudantil no cotidiano da vida estudantil – não somente quando os ataques se avizinham – podemos garantir a politização das bases, os estudantes, em torno das lutas por Permanência, primeiro passo para superar as lutas defensivas.

O segundo passo, aliado à criação desses espaços e das demandas que virão deles, coloca-se como a necessária adoção de lutas constantes, organizadas pela base estudantil, por fora da via burocrático-legalista, para pressionar as instâncias burocráticas da gestão universitária a ceder espaço e garantir a expansão das políticas de permanência. Historicamente, a luta no espaço burocrático se mostra inefetiva para a garantia de nossos direitos, somente uma luta autônoma, constante, adotando a ação direta – atos combativos, ocupações de prédios, trancaços e entraços – aliada a agitação e propaganda podem garantir o sucesso das lutas estudantis. É necessário reacender no movimento estudantil a consciência de que a luta pela via da ação direta, do embate direto, bem articulado e ofensivo, é a via acertada para consagrar nossas tão esperadas e necessárias vitórias no front da Permanência.

Somente com lutas articuladas, ofensivas, construídas das bases e pelas bases da estudantada, que privilegiam o debate e compreensão plena das questões de permanência e adotam a via combativa de reivindicações é que poderemos sair do atual momento defensivo em que nos encontramos. Combater a tutela, fomentar a autonomia, politizar a estudantada, adotar a ação direta, tomar a universidade de assalto! Essas são as saídas classistas e combativas para a construção de uma universidade popular, do trabalhador e para ele.

É BARRICADA, GREVE GERAL, AÇÃO DIRETA QUE DERRUBA O CAPITAL!

AVANTE, ESTUDANTES DO POVO!



Publicado por aderecc

[Ver todos os posts por aderecc](#)

[Blog no WordPress.com.](#)